

Aproximações à estética Marxista: subsídios para compreender a crise da arte

Maria Flávia Silveira Barbosa[1]
Rafael Beling[2]

Resumo: A proposta deste trabalho é refletir sobre a crise da arte, a partir das ideias estéticas de Marx. Nesse sentido, busca-se a colaboração de autores marxistas contemporâneos: Adolfo Sánchez Vázquez e Celso Frederico. A hipótese é que a concepção marxiana de arte pode lançar luz à compreensão de certa crise observada na produção e no consumo da arte, na atualidade. A arte a serviço do capital – de consumo fácil, superficial e ligeira; própria ao gozo do homem massificado – não se tem prestado à elevação das consciências, potencial assinalado nas elaborações de Marx. O objetivo último destes estudos é fazer a ponte entre essa perspectiva do conhecimento estético e a prática pedagógica, contribuindo para o avanço no campo do ensino de arte.

Palavras-chave: Estética. Marxismo. Arte na atualidade. Crise da arte. Ensino de arte.

Approaches to Marxist aesthetics: Subsidies to understand the crisis of art

1 Licenciada em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1986), com habilitações em Docência e Orientação Educacional; bacharel em Piano pela Universidade Federal de Goiás (1994). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2009). Tem experiência profissional na área de Educação e de Arte (Música). Entre 2010 e 2011 foi responsável pelas disciplinas de Prática de Ensino de Música, do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrou o corpo docente do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC), de fevereiro de 2012 até junho de 2015, sendo responsável pelas disciplinas Metodologia da Educação Musical, Prática Pedagógica Musical, Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Aspectos Teórico Práticos do Ensino, Currículo em Educação Musical e Trabalho de Conclusão de Curso I e II, do curso de Licenciatura em Música e pelas disciplinas Seminário de Pedagogia Musical e Tópicos em Educação Musical, no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Educação Musical. Ainda nessa instituição, coordenou o Grupo de Pesquisa Estudos em Linguagem e Estruturação Musical. Entre julho de 2015 e julho de 2017 foi professora do curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia. Atua como pesquisadora no Grupo de Pesquisa Música, Linguagem e Cultura (UNICAMP) e no Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Práticas Educativas em Espaços Escolares e Não Escolares (UFES).

2 Doutorando em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP - Araraquara), mestre em Música pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), licenciado em Educação Artística/Música (UNASP), formado em Liderança (ADL), graduando em pedagogia (UNAR), Rafael Beling desenvolve estudos nas seguintes áreas: 1) Música e Educação - estuda os fundamentos teóricos e metodológicos que embasam as propostas pedagógicas musicais tanto no âmbito da escola regular quanto do ensino especializado; 2) Arte na Formação Humana - desenvolve estudos teóricos e propostas didático-metodológicas que possibilitem superar ideias limitadoras que, ainda nos dias de hoje, postulam a Arte como privilégio de poucos. É professor de música e regente de coros na região de Campinas/SP.

BARBOSA, Maria Flávia Silveira; BELING, Rafael. Aproximações à estética Marxista: subsídios para compreender a crise da arte. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.46-62, ano 18, nº 36, julho/dezembro.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



Abstract: The proposal of this work is to reflect on the crisis of art, based on Marx's aesthetics ideas. In this sense, we seek the collaboration of contemporary marxist authors: Adolfo Sánchez Vázquez and Celso Frederico. The hypothesis is that the marxian conception of art can shed light on the understanding of a certain crisis observed in the production and consumption of art today. Art at the service of capital – easy, superficial and light consumption; proper to the enjoyment of the massed man – has not been provided for the elevation of consciousness, a potential that is pointed out in the elaborations of Marx. The ultimate goal of these studies is to bridge the gap between this perspective of aesthetic knowledge and pedagogical practice, contributing to the advancement in the field of art education.

Key-words: Aesthetics. Marxism. Art in the actuality. Crisis of art. Teaching of art.

Introdução

Em tempos de tanto se falar em crise, identificamos também uma crise no campo da arte. E apontar essa crise delimita, desde o princípio, a perspectiva sob a qual analisamos (e antes, vivenciamos) as questões artísticas e estéticas. Não consideramos a arte como um reduto alheio às condições de produção da vida material; como algo que nasce do interior do artista, a partir de suas próprias idiossincrasias, sem nenhuma relação com o mundo exterior. Ao contrário, entendemos a arte como (resultado do) trabalho humano, na vida em sociedade; o homem produz arte para se relacionar com os outros homens e não como pura expressão de seus sentimentos e emoções – um impulso interno que estaria além das relações exteriores que vivencia – e, muito menos, para se relacionar, de maneira direta, com as matérias-primas artísticas (palavras, cores, formas, movimentos, sons etc.). Nesse sentido, parece-nos que fica claro o motivo de identificarmos certa crise no campo da arte.

Mas em que vemos ou onde vemos essa crise? Sob certo ponto de vista, vivemos um momento paradoxal, na arte. Ao mesmo tempo em que está muito mais "popularizado" o acesso a museus, pelo menos nos grandes centros; em que há boa chance de se assistir a concertos ou shows gratuitos; em que o desenvolvimento tecnológico permite a reprodução e difusão em larga escala de pinturas, músicas, obras literárias e teatrais; em que orquestras promovem concertos didáticos para escolares e museus promovem atividades em arte e cursos gratuitos para o público



leigo, de adultos e de crianças[3]; o consumo de fato significativo é o da "arte de massas"[4]. Quer dizer, a abertura dessas possibilidades de divulgação e acesso à arte não tem garantido que essa divulgação e acesso sejam voltados para o enriquecimento humano. Na sociedade capitalista, cuja lei primeira é a do lucro, a arte é mais uma mercadoria, sobretudo, no momento atual em que vivemos. Nesse sentido, a produção artística, voltada para a lucratividade, deve ser de consumo fácil, superficial e ligeira; deve ser própria ao gozo do homem massificado, despersonalizado, coisificado, cuja condição serve tão bem aos interesses do capitalismo.

Sendo, então, o marxismo a concepção filosófica que, de forma mais autêntica e contundente, faz a crítica ao modo de produção capitalista, denunciando o processo de desumanização que sofre o homem sob essa forma de organização societária e propondo sua superação, consideramos que a única saída para se compreender a crise da arte na atualidade é o recurso às ideias de seus elaboradores primordiais e de seguidores que se dedicaram a desvelar suas concepções sobre estética e arte. Encontramos ainda nos autores marxistas que estudamos o respaldo necessário para o entendimento da arte como esfera essencial na vida humana.

Assim, inicialmente, buscaremos explicitar, com a relativa profundidade permitida pelas dimensões deste texto, as ideias estéticas de Marx, a partir de dois

---

[3] Temos consciência da maneira generalizada como fazemos essa afirmação. A condição descrita brevemente não é universal nesse mundo dito "globalizado", onde a inumeráveis seres humanos falta o básico para a sobrevivência. Talvez mesmo, a grande maioria dos homens sobre a face da Terra se encontre, em relação à arte, na situação sobre a qual Marx elabora: "para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que essa atividade de se alimentar se distingue da atividade *animal* de se alimentar. O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum *sentido* para o mais belo espetáculo [...]" (2010, p. 110 – grifos do autor).

[4] Usamos esse termo de empréstimo, sobretudo, a Sánchez Vázquez que, na segunda parte de seu livro *As idéias estéticas de Marx*, apresenta em estudo intitulado *O destino da arte sob o capitalismo*. Diz o autor: "por esta razão, quando empregamos a expressão arte de massas, fazêmo-lo num sentido pejorativo, emprestando-lhe a significação de uma pseudo-arte produzida deliberadamente de cima, pela vontade da classe dominante, e para gôzo ou consumo das massas, ou, mais exatamente, dos homens-massa, produzidos precisamente, junto com seus produtos materiais, pela produção material capitalista.// O proletariado revolucionário, precisamente por ser a classe que reivindica a essência humana, merece uma arte superior, não êstes produtos artísticos que embotam a sensibilidade, mutilam a mente e desviam as energias criadoras" (1978, p. 277 – nota de rodapé – grafia original, assim como nas demais citações do livro referido).



trabalhos de autores marxistas que se detiveram no estudo dos *Manuscritos econômico-filosóficos* ou *Manuscritos de 1844* (Marx, 2010), a saber, Sánchez Vázquez (1961) e Frederico (2013). O ferramental teórico para refletir sobre a arte na atualidade e sua crise, encontramos em Sánchez Vázquez (1978), em estudo que trata justamente do destino da arte sob o capitalismo. Finalizaremos com a defesa incondicional do ensino de arte nas escolas regulares: educação estética para *todos*, com vistas ao desenvolvimento omnilateral de *todos* os indivíduos.

As ideias estéticas de Marx

Vejamos, então, alguns pontos importantes das elaborações marxianas sobre arte, com a ajuda de Sánchez Vázquez (1961), em seu artigo *Ideas estéticas en los "Manuscritos económico-filosóficos" de Marx*[5] e de Celso Frederico (2013), no capítulo *Marx: a arte como práxis*, de seu livro *A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács*.

Em seu artigo, o autor espanhol afirma que a maior contribuição de Marx ao campo da estética foi caracterizá-la como uma "relação peculiar entre o homem e a realidade, que se foi forjando histórica e socialmente no processo de transformação da natureza e criação de um mundo de objetos humanos; quer dizer, na atividade prática social" (Sánchez Vázquez, 1961, p. 237). Assim, Marx se distancia tanto do idealismo hegeliano como do materialismo de Feuerbach.

No bojo da nova concepção do mundo, do homem e da sociedade que os *Manuscritos...* encerram, Marx propõe a prática como fundamento da consciência e da existência do homem como ser histórico-social: a prática é ação consciente que transforma a natureza e o próprio homem. Esse potencial transformador que se manifesta no trabalho, manifesta-se, da mesma forma, na produção das obras artísticas. As obras de arte são, portanto, objetos humanos produzidos pelo trabalho humano; mas são diferentes de outros objetos produzidos com finalidades diferentes das estéticas. Em primeiro lugar, o homem transforma a natureza e cria objetos para a satisfação de necessidades materiais básicos. Ao longo da história, a conquista

[5] As traduções são de nossa responsabilidade.



mais efetiva da natureza permite ir além da satisfação dessas necessidades básicas, enriquecendo suas relações com o mundo material, por exemplo, através da ciência e da arte. Mas diferentemente da ciência que, em sua busca pela verdade, apaga as marcas do sujeito, na arte, o sujeito tem a possibilidade de se afirmar e se expressar no processo de criação do objeto estético. Esse é o propósito da arte.

Tentando entender um pouco melhor. O homem é um ser *natural humano*; quer dizer, no processo de evolução, não rompe com a natureza, mas supera-a em duas direções: a) fora de si mesmo, transformando (humanizando) a natureza e criando um mundo de objetos humanos; e b) em si mesmo, superando a vida puramente biológica, transformando sua própria natureza e criando ele mesmo, com sua atividade, *sentidos humanos*. O que permite essa superação é o trabalho. Dessa forma, é o trabalho que libera o homem de suas próprias limitações naturais e de uma relação passiva com a natureza. Nesse processo histórico de produção da vida social, vai se ampliando a distância entre a necessidade e o sujeito e entre a necessidade e o objeto destinado a satisfazê-la. Isso permite a criação de objetos para satisfazer não a necessidades materiais, mas a necessidades cada vez mais humanas, necessidades espirituais, até chegar à criação de objetos estéticos.

O objeto estético satisfaz a uma necessidade puramente humana de se expressar e afirmar-se; não a uma necessidade natural, biológica. E a criação de tais objetos só pôde ocorrer quando o homem, com o trabalho, atingiu um grau elevado de domínio sobre a natureza. Isso não significa dizer que a arte não tenha utilidade; ao contrário, sua utilidade é mais ampla do que a de outros produtos do trabalho humano que, tendo também uma utilidade *propriamente humana*, quer dizer, respondendo por uma necessidade propriamente humana, essa é mais limitada do que a dos objetos artísticos.

Frederico (2013) corrobora as reflexões de Sánchez Vázquez (1961) sobre os *Manuscritos…* e a elas soma outras que consideramos importante destacar. Senão, vejamos. O autor brasileiro ajuda a compreender o modo como Marx supera a filosofia idealista de Hegel, bem como o materialismo sensualista de Feuerbach, a partir da diferenciação que estabelece entre *objetivação* e *alienação* (similares no pensamento hegeliano). Diz:

> o movimento de superação operado por Marx tornou-se possível graças à diferença estabelecida entre *objetivação* e *alienação*, termos equivalentes na filosofia hegeliana. Ao separar a primeira de sua manifestação degradada, ele pôde entender o trabalho como uma atividade material que medeia a relação entre o homem e a natureza, como uma mediação que permitiu criar o mundo dos *objetos humanos*, aqueles objetos extraídos da natureza, modificados e trazidos para o contexto dos significados humanos. Através da objetivações, as "forças essenciais do homem", desprezadas pela economia clássica e pela filosofia idealista de Hegel, realizam-se na *criação de objetos*.(FREDERICO, 2013, p. 43 – grifos do autor).

Uma das formas de objetivação é, pois, a arte; a criação de objetos artísticos. Trata-se, de fato, no entendimento marxiano, de um desdobramento do trabalho; a arte surge a partir do trabalho. "As duas atividades – o trabalho e a arte – inserem-se no processo das objetivações materiais e não-materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais" (Frederico, 2013, p. 44). A arte, porém, tem suas especificidades.

> Liberta da premência da necessidade imediata pela ação do trabalho produtivo, a atividade artística surge em seguida como uma nova forma de afirmação essencial que o homem pode modelar "segundo as leis da beleza". Ela é um novo campo de atuação que guarda uma relação de continuidade com o processo material, mas possui uma especificidade, "leis" próprias, impondo uma relação determinada entre a ideia e a matéria e exigindo um referencial teórico específico para ser analisada. (Frederico, 2013, p. 44).

Ainda dois pontos queremos destacar acerca das elaborações de Marx, nos *Manuscritos…*, baseando-nos em Frederico (2013). *1)* Em seu texto de 1844, Marx se contrapõe a Feuerbach, negando a concepção de belo natural, pois a beleza não é uma propriedade dos objetos naturais, não é um dado natural, mas resultado do trabalho humano. "O caráter antropomorfizador da arte protesta contra a adoração deslumbrada da natureza. O homem, visto como um ser ativo, lança-se sobre a natureza negando sua imediatez, modificando-a e trazendo-a para o mundo dos significados humanos" (Frederico, 2013, p. 55). Assim, parece-nos legítima a compreensão de que, sendo a arte produto da atividade humana que (dá) forma (à matéria) segundo "as leis da beleza", o belo (e sua qualidade, a beleza) só pode *ser*



(se concretizar) nos objetos humanos ou *humanizados*. A "beleza" de uma flor só existe através da lente do olho humano, cujo *sentido* para a beleza foi desenvolvido[6]. *2)* Marx postula a ideia da arte como desdobramento do trabalho, no curso da história humana; mas não deixa de apontar que, na sociedade capitalista, a arte pode se contrapor ao trabalho estranhado. Diz Frederico (2013, p. 55):

> quando fala em arte, ao contrário [do que quando fala em trabalho], ele se concentra na exposição de seu caráter humano e humanizador, o que talvez se explique pelo fato de a arte, diferentemente do trabalho, realizar-se fora do círculo imediato das necessidades de sobrevivência, ou ainda porque queria denunciar os efeitos embrutecedores do capitalismo sobre "as forças essenciais do homem". Apenas em uma única e breve passagem refere-se à possibilidade de a produção artística tornar-se uma objetivação alienada: quando afirma que, no capitalismo, a arte passa a viver "sob a lei geral da produção".

Justamente dessa questão, trataremos no item a seguir.

A arte sob a égide do capital

Na segunda parte de seu livro *As idéias estéticas de Marx*, Sánchez Vázquez (1978, pp. 167-328) apresenta um estudo bastante detalhado sobre o destino da arte no capitalismo e nele desenvolve a concepção marxiana de que o capitalismo é hostil à arte. O autor parte da seguinte afirmação de Marx, em *História crítica da teoria da mais-valia*: "assim se pode explicar que a produção capitalista seja hostil a certas produções de tipo artístico, tais como a arte e a poesia" (Marx *apud* Sánchez Vázquez, 1978, p. 169). Considerando que Marx não avançou no detalhamento dessa afirmação, apenas assinalando a oposição entre arte e capitalismo, Sánchez Vázquez busca em outros textos marxianos a elucidação de questões pertinentes: em que consiste a oposição entre capitalismo e arte? Essa oposição tem caráter essencial para a produção capitalista? Até que ponto limita e/ou permite avançar o desenvolvimento artístico? A hostilidade do capitalismo à arte se reflete na relação

[6] Diz Marx: "assim como a música desperta primeiramente o sentido musical do homem, assim como para o ouvido não musical a música mais bela não tem *nenhum* sentido, é nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a confirmação de uma das minhas forças essenciais, portanto só pode ser para mim da maneira como minha força essencial é para si como capacidade subjetiva, porque o sentido de um objeto para mim (só tem sentido para um sentido que lhe corresponda) vai precisamente tão longe quanto vai o *meu* sentido, por causa disso é que os *sentidos* do homem social são sentidos *outros* que não os do não social […]" (2010, p. 110 – grifos do autor).



entre o artista e o público? Quais as consequências para a liberdade do processo criativo? E outras mais. Deseja, assim, explicar a origem e a essência da hostilidade do capitalismo à arte. Nos limites deste texto, apresentaremos resumidamente as reflexões de Sánchez Vázquez; nossa hipótese é que essa hostilidade, afirmada por Marx e detalhada por Sánchez Vázquez (doravante SV), ajuda a compreender a produção e o consumo de arte na atualidade e a crise apontada anteriormente.

SV inicia o seu estudo afirmando que a hostilidade do capitalismo à arte não é reflexo da lei do desenvolvimento desigual da produção artística em relação à produção material e, tampouco, se reduz a uma divergência ideológica entre artista e capitalismo. Para o autor, com base nos textos marxianos, o capitalismo – e somente ele – é *essencialmente* alheio e oposto à arte; não se encontra essa relação negativa nas sociedades pré-capitalistas, como, por exemplo, na Grécia Antiga. A lei do desenvolvimento desigual, segundo a qual em uma sociedade economicamente menos desenvolvida pode florescer uma arte superior, não indica, necessariamente, hostilidade em relação à arte; isso só é observado no capitalismo. Diz:

> quando Marx afirma que a produção capitalista é hostil à arte, leva em consideração uma hostilidade que radica não no modo peculiar pelo qual – através de uma série de fatôres intermediários – se relacionam a economia e a criação artística, mas no próprio interior da produção material capitalista, vinculada, por sua vez, a determinado tipo de organização social. […] Com efeito, a lei enunciada por Marx não estabelece que haja um tipo de produção material que, por si mesma, seja favorável ou hostil à arte; nem tampouco assinala as condições em que determinado tipo de produção pode influir sôbre a arte num ou noutro sentido. Do conteúdo de tal lei, depreende-se apenas que, visto que a arte goza de uma relativa autonomia, qualquer que seja o tipo de produção material que predomine na sociedade, conserva-se aberta a possibilidade de um desenvolvimento artístico superior ou inferior com relação ao desenvolvimento econômico-social. A tese da hostilidade do capitalismo à arte, ao contrário, estabelece uma relação direta entre a economia e a arte, uma relação, ademais, negativa, ou seja, a produção capitalista, por essência, por princípio, não favorece a arte. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1978, p. 176).

A hostilidade tampouco pode ser explicada com base nos conflitos ideológicos que eventualmente coloquem em oposição o artista e o capital; ainda uma vez, SV afirma que se trata de *contradição inerente ao caráter da produção material capitalista*, que independe das concepções ideológicas que assuma o artista em



relação a essa forma de organização societária e as relações sociais que engendra. De acordo com o autor, o que sobreleva, nessa reflexão, é o fato de que, a despeito dos ideais que expresse, a criação artística permanece sob o jugo das leis da produção capitalista.

Explicitados esses dois pontos com os quais não se deve confundir, segundo SV, a questão da hostilidade do capitalismo à arte, o autor passa a apresentar questões que considera importantes para o entendimento da afirmação de Marx. A primeira é sobre o divórcio entre o criador artístico e a sociedade burguesa. De acordo com SV, "esta contradição se manifesta no fato de que o artista não encontra motivo artístico na realidade burguesa, isto é, que não a veja como uma matéria digna de arte" (1978, p. 180). A partir do século XIX, com a classe burguesa consolidada no poder e deixando de representar os ideais humanos universais, o artista se desencanta com o presente e busca refúgio no passado ou no futuro imaginado. "Pela primeira vez, o artista vê a realidade social – as relações sociais capitalistas – como um mundo hostil à arte" (Sánchez Vázquez, 1978, p. 182); percebe-a, pois, como uma realidade que desumaniza o homem, que o banaliza e coisifica, não deseja – ainda que, talvez, de forma não consciente – que sua obra ratifique essa realidade. Nesse ato rebelde, tenta garantir sua liberdade de criação. Contudo, isso tem um preço: a transformação das relações entre o artista e seu público, engendrada, também, pelas mudanças radicais nas relações entre os homens, na sociedade capitalista.

> Na nova etapa capitalista, dissolvem-se os laços concretos, pessoais, entre [artista e consumidor]; o produto já não se cria para um consumidor cuja face conhece desde o primeiro momento, ou para o consumidor que conhecerá após terminar o seu trabalho, e que, portanto, não influi nas características de sua criação, mas para um consumidor alheio, futuro, cuja face jamais verá e que, no entanto, em que pêse seu caráter abstrato e invisível, não poderá deixar de levar em conta no curso de seu trabalho criador. Entre o produtor e o consumidor, interpõe-se um mundo invisível e estranho: o mercado. O artista, na realidade, não cria para um consumidor concreto que não conhece. Produz, pròpriamente, para algo tão abstrato quanto o mercado. (Sánchez Vázquez, 1978, p. 194).

Creio não ser necessário afirmar o quanto essa nova configuração das relações entre consumidor e artista é deletéria para a liberdade do processo criativo.



Em um primeiro momento, o artista chega a pensar que seja favorável, essa relação, à sua liberdade de criação, mas, de fato, trata-se de sujeição, ou redução implacável, como diz SV, da criação artística ao caráter específico da produção material capitalista. “O artista se vê obrigado a entrar numa relação objetiva com o consumidor, independentemente de sua vontade, relação regida pelas leis da produção material” (Sánchez Vázquez, 1978, p. 197). Essa contradição, de acordo com SV, é ainda mais profunda do que a tratada anteriormente – o divórcio entre o artista e a sociedade burguesa e seus valores – porque, mesmo contrário a esses valores e ideais burgueses, o artista está submetido à “necessidade exterior”, posta pelas leis da produção material sob o capitalismo.

Segue SV, em busca dos sentidos da afirmação marxiana. Trata-se, então, da hostilidade da produção material em relação à produção espiritual, mormente, à artística. Marx demonstra também, no campo da arte, o que já havia demonstrado no campo da produção material: “a produção capitalista voltou-se contra o homem. Longe de estar a serviço do homem, é o homem que está a serviço da produção. Ou, melhor dizendo, o homem desaparece por trás de um mundo de coisas, de mercadorias, para se tornar uma coisa a mais” (Sánchez Vázquez, 1978, pp. 199-200). Além disso, a produção capitalista impede que o homem (operário) estabeleça uma relação verdadeiramente humana com os objetos que produz; não vê neles a objetivação de suas forças essenciais; são-lhe estranhos, alheios e inumanos[7].

> Esta relação inumana entre o produtor e o produto significa, ademais, que o primeiro nega a si mesmo em seu ser especìficamente humano, isto é, como ser criador ou trabalhador. Seu trabalho – trabalho alienado – é a negação do trabalho como atividade vital humana, como objetivação de suas energias físicas e espirituais, como atividade na qual o homem se afirma como ser livre, consciente e criador. O trabalho perde sua dimensão especìficamente humana – como atividade que revela a natureza criadora do homem – para reduzir-se a uma dimensão meramente econômica: produzir mercadorias, ou, mais exatamente, mais-valia. […]// A produção material capitalista se opõe ao homem precisamente no que tem êste de ser criador. (Sánchez Vázquez, 1978, p. 202).

[7] Tampouco o capitalista estabelece uma relação verdadeiramente humana com os objetos da produção, uma vez que a ele só interessam como lucro, como posse.



Ora, a oposição do capitalismo ao caráter criador do trabalho humano atinge com mais intensidade ainda o campo da arte. Para Marx, nos *Manuscritos…*, arte e trabalho são manifestações da natureza criadora do homem; cada uma com suas especificidades, cada uma com seu lugar na vida social, mas com uma natureza comum. E é justamente essa natureza, essa essência criadora, que a produção capitalista solapa em suas bases, quando transforma a atividade vital humana em trabalho alienado. A arte – criação, por excelência – está sob constante ameaça, na sociedade capitalista, que busca submetê-la às leis da produção material; que a trata da "única forma que interessa num mundo regido pela lei da mais-valia, isto é, em sua forma econômica, como trabalho assalariado" (Sánchez Vázquez, 1978, p. 207).

Esclarece SV, ainda com base nos *Manuscritos…*: o trabalho, como atividade livre e consciente, através da qual o homem transforma a natureza e a si mesmo, criando um mundo *humano*, "é criação: criação de um nôvo ser" (1978, p. 226). Nesse sentido, partilha com a arte características essenciais. O desenvolvimento da sociabilidade baseada no capital, entretanto, rouba ao trabalho essa característica consciente, livre e criadora, distanciando-o, opondo-o à arte.

> O trabalho perde seu caráter artístico, isto é, criador, na medida em que se separa ou abstrai dos diferentes ingredientes do próprio processo de trabalho, estabelecendo uma relação de exterioridade ou indiferença entre êles. As condições materiais da produção se separam do produtor e êste adota uma atitude formal ou indiferente para com a sua própria atividade. (Sánchez Vázquez, 1978, pp. 226-227).

E mais adiante: "o trabalho assalariado mergulha assim o homem na pobreza humana mais absoluta; o vivo, o criador, o concreto, desaparecem nêle para se tornarem uma abstração do verdadeiramente vivo e real" (Sánchez Vázquez, 1978, p. 227). Assim é que o trabalho na sociedade capitalista se caracteriza justamente pela perda de sua essência criadora; e quanto mais perde essa essência, mais se distancia da arte, "até converter-se numa atividade puramente formal e mecânica que se opõe radicalmente a ela" (Sánchez Vázquez, 1978, p. 230). No curso da história, essa condição acaba afetando, também, o campo da arte, quando a

transforma em trabalho assalariado, em mercadoria, em produtora de mais-valia. Diz SV,

> quando o trabalho artístico se assemelha ao trabalho assalariado, quando a criação artística se converte em produção para o mercado (produção "produtiva", produção pela produção ou produção de mais-valia) e quando se valoriza a obra de arte não por seu valor específico, mas por seu valor de troca, econômico, isto é, quando se aplica à produção artística as leis da produção material capitalista, quando tudo isso ocorre, a arte é negada ou limitada em sua estrutura interna própria, como manifestação da capacidade de criação do homem. (1978, pp. 231-232).

À medida que as leis da produção capitalista alcançam o campo da arte, constrangendo o artista a elaborar não a partir de suas "necessidades internas", mas para as "necessidades externas", para o mercado, para o lucro, se verifica, de acordo com SV, a hostilidade do capitalismo à arte. Esse é o sentido da afirmação de Marx.

Outro ponto que, de acordo com o autor espanhol, revela a hostilidade do capitalismo à arte é a antinomia produção mercantil *versus* liberdade de criação. Diz o autor que a lei geral da produção capitalista atinge também o campo da arte: na sociedade capitalista, a produção tem um caráter universal de mercadoria, quer dizer, os objetos são produzidos não para o próprio consumo, mas para o mercado, para a troca. Nessa forma de produção da vida, arte se torna também mercadoria. A produção artística passa a ser avaliada por sua utilidade material, pelo seu valor de troca; e a apreciação da arte fica diretamente relacionada ao seu valor comercial. A arte tem que ser produtiva.

Assim, o artista precisa se submeter aos gostos e preferências, ideias e concepções estéticas daqueles que controlam o mercado. Naturalmente, isso afeta o conteúdo e a forma da obra de arte, limita as potencialidades criadoras do artista e produz alienação no campo da arte. O artista passa a responder não a sua "necessidade interior"[8] de expressão, afirmação, objetivação, mas a "necessidades externas": as exigências do mercado, como já dissemos anteriormente. Há o que SV

[8] Considerando a perspectiva teórica que estamos assumindo não é preciso lembrar que essa necessidade interior tem raízes histórico-sociais. A afirmação está, portanto, muito distante de certas compreensões que postulam o caráter inato ou metafísico da criação artística.

denomina desnaturalização, perda da essência do trabalho artístico; pois a natureza mesma da criação artística não coaduna com o caráter predominante da produção capitalista que é a sua utilidade material. A criação artística visa responder a uma necessidade geral de expressão e afirmação do homem no mundo objetivo. A necessidade do artista é objetivar a sua riqueza humana e reconhecer-se na obra de arte; nada disso é possível, quando se está à mercê de leis mercadológicas[9].

Para finalizar, traremos as considerações de SV em relação à tese da hostilidade do capitalismo à arte, no que toca ao consumo da obra de arte. A produção é um processo que requer o consumo, quer dizer, a satisfação de uma necessidade; essa é uma relação necessária na produção em geral e também na produção artística. No caso da produção artística, a obra de arte é, ao mesmo tempo, a satisfação de uma necessidade do artista (produtor), mas essa satisfação exige, também, para realizar-se plenamente, a satisfação da necessidade de outrem (consumidor). “Tôda obra de arte é uma mensagem, possui uma significação humana para os demais, só se tornando um produto real, não meramente possível, quando os demais se apropriam de sua significação” (Sánchez Vázquez, 1978, pp. 253-254).

Assim, vê-se que o artista não pode desprezar a necessidade do outro, pois produção e consumo se encontram em estreita e inevitável relação. A produção, entretanto, determina o consumo em três sentidos, diz SV, referindo-se às formulações de Marx: 1) proporcionando ao consumo sua matéria, seu objeto; 2) proporcionando o modo de consumi-lo; e 3) criando a própria necessidade que se satisfaz no consumo. Aplicando essas reflexões à produção em arte, afirma o autor espanhol:

> com efeito, a produção artística não só proporciona os objetos adequados para satisfazer uma necessidade humana, mas cria também novos modos de gozar sua beleza e cria igualmente o sujeito, o público, capaz de assimilar o que já não pode ser assimilado por aquêles que continuam presos às velhas formas do gôzo estético. (Sánchez Vázquez, 1978, p. 257).

[9] Naturalmente, existe a possibilidade, mesmo nas condições da sociedade capitalista, de escapar ao rigor das leis da produção voltada para o mercado e houve e há desenvolvimento no campo da arte, ao longo da história da sociedade capitalista. SV esmiúça também esse aspecto contraditório da produção em arte no capitalismo. Nós, entretanto, não trataremos dele, neste texto.



Considerando-se, então, essa estreita relação entre a produção e o consumo da obra de arte, podemos inferir o quanto a arte elaborada para atender exclusivamente às necessidades do mercado deixa a desejar em termos do desenvolvimento/aprimoramento do gosto estético dos indivíduos.

Trouxemos aqui esse estudo de SV por considerar que lança luz à questão da crise da arte, a que nos referimos anteriormente. As reflexões do autor espanhol, com base em Marx, ajudam a compreender a perspectiva sob a qual se produz e consome arte, na sociedade capitalista. A crise indicada não é, portanto, imaginária; não é resultado de preconceito contra a "arte de massas"; não significa elitismo. Para nós, ficou claro, através das páginas estudadas, o lugar que ocupa a arte na sociedade regida pelo capital; esperamos que tenha ficado claro para o leitor, da mesma forma. Sob a lei da produção material capitalista, arte é *mercadoria* e, como mercadoria, precisa ser consumida rápida e largamente para cumprir seu destino de lucrar. Nesse sentido, perdemos todos: perde o artista, perde a obra de arte, perde o público e perde, também, o possuidor da obra de arte. O artista, porque está submetido às leis mercadológicas, quer deseje delas se libertar, quer, deliberadamente, deseje delas fazer parte. A obra de arte perde em seu sentido humano mais profundo, pois, de acordo com SV, mesmo quando aborda questões da realidade humana, a "arte de massas" não toca além da superfície. De modo que o público perde a possibilidade de se enriquecer, de compreender sua condição humana, através da obra de arte. Perde o possuidor, que não vê na obra nada mais que mercadoria e fonte de lucro.

Um detalhe, porém, talvez precise ser repensado: a ideia de que se trata de crise. Ao cabo desta elaboração, parece-nos forçoso concluir que se trata, não de crise, mas de perfeito funcionamento, dentro da lógica da produção capitalista.

Considerações finais

Para terminar, gostaríamos de reconhecer as limitações deste nosso estudo, que se encontra ainda em etapa inicial. Aprofundamentos serão feitos,

evidentemente, no sentido não só da apropriação significativa da estética marxista e da compreensão do lugar da arte na sociedade capitalista, mas, sobretudo – revelando nosso desejo de colaborar para o avanço do conhecimento no campo do ensino de arte –, no sentido de fazer a ponte entre essa perspectiva do conhecimento estético e a prática pedagógica em arte. Nossa defesa é pela democratização do acesso à arte em suas formas mais desenvolvidas; e a escola, a sala de aula é, a nosso ver, o caminho para alcançá-la. Concordamos com Sánchez Vázquez quando afirma: "a arte, como objeto, educa a sensibilidade artística, quer dizer, faz brotar a sensibilidade que captará a sua riqueza" (1961, p. 250).

Evidentemente, não é de qualquer ensino de arte que se fala. Vemos a urgência de superar certas práticas ainda comuns, em nosso país, que privilegiam os espontaneismos, os relativismos e o "vale-tudismo"; talvez, antes mesmo, seja preciso superar a ideia de que a arte é privilégio de poucos escolhidos; também é preciso superar a ideia de que a arte erudita é propriedade da classe dominante e a arte de massas é a apropriada para o grande público; é preciso não confundir *arte para todos* com arte de massas. Muitos preconceitos precisam ser vencidos.

Estamos de acordo com SV que, no final do estudo cujo resumo aqui apresentamos, afirma, baseando-se em Marx:

> dado que a arte revela o princípio criador que, sob forma limitada, já encontramos no trabalho, o desenvolvimento universal da personalidade exige que todo homem, como ser criador, seja de certo modo um homem-artista, isto é, um homem situado numa *atitude criadora diante do mundo e das coisas*. (1978, p. 322 – grifos nossos).

Ora, o desenvolvimento universal da personalidade humana só será possível com a superação da sociedade dividida em classes. Na sociedade futura, a criação artística não será privilégio dos poucos que tiverem acesso à verdadeira arte, nem será uma atividade exclusiva e única de alguns indivíduos "profissionalizados"; a sociedade futura será uma sociedade de homens-artistas e de artistas-homens – porque o trabalho, tendo recuperado seu caráter criador, conterá, ele mesmo, possibilidades estéticas; e, por outro lado, nessa sociedade, nem mesmo a atividade



artística esgotará as múltiplas e infinitas dimensões que se abrem ao desenvolvimento humano em sua plenitude.

Esse é o sentido de nossa luta por um ensino de arte comprometido com a transformação social; essa luta requer como fundamento uma filosofia que proponha a superação do capitalismo, rumo a uma forma de organização social justa e igualitária.

Referências:

FREDERICO, Celso. *A arte no mundo dos homens*. O itinerário de Lukács. São Paulo, Expressão Popular, 2013.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo, 2010.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *As idéias estéticas de Marx*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____ . Ideas estéticas en los "Manuscritos económico-filosóficos" de Marx. *Diánoia*, Cidade do México, Fondo de Cultura Económica/ UNAM, vol. 7, n. 7, 1961, pp. 236-258.